



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE HUMANIDADES

CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

**GÊNERO, RAÇA E IDENTIDADE NO CONTEXTO DAS HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS DOS X-MEN: SAGA DA FÊNIX NEGRA**

HUGO VITAL DOS SANTOS

CAMPINA GRANDE – PB

2024

HUGO VITAL DOS SANTOS

**GÊNERO, RAÇA E IDENTIDADE NO CONTEXTO DAS HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS DOS X-MEN: SAGA DA FÊNIX NEGRA**

Trabalho apresentado ao curso de Licenciatura em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Roberto Jordão Knack

CAMPINA GRANDE – PB

2024

HUGO VITAL DOS SANTOS

**GÊNERO, RAÇA E IDENTIDADE NO CONTEXTO DAS HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS DOS X-MEN: SAGA DA FÊNIX NEGRA**

Trabalho de Conclusão de curso Avaliado em ___/___/_____ com conceito ____

BANCA EXAMINADORA

Eduardo Roberto Jordão Knack (UAH/UFCG)

Celso Gestermeier do Nascimento (UAH/UFCG)

Alan Tassio Galdino (PPGH/UFCG)

CAMPINA GRANDE – PB

2024

RESUMO

O presente artigo analisa a história em quadrinhos *X-Men: A Saga da Fênix Negra (Marvel Essenciais)* reeditada em 2023, sob a ótica de três perspectivas: relações de poder e feminismo, movimentos LGBTQIA+, e racismo. A pesquisa explora como a transformação de Jean Grey em Fênix Negra reflete questões de autonomia feminina, identidade e opressão, utilizando teorias feministas e das minorias, argumentando que o controle sobre o corpo e o poder da personagem Jean Grey simboliza a luta das mulheres por autodeterminação em uma sociedade patriarcal. O conflito entre Jean e o grupo de antagonistas, o Clube do Inferno, é interpretado como uma metáfora para as pressões sociais que buscam suprimir as capacidades e desejos das mulheres.

No contexto dos movimentos LGBTQIA+, a pesquisa identifica a saga como uma metáfora para a aceitação. A forma como a sociedade e seus aliados tratam Jean Grey reflete na marginalização e os desafios enfrentados por pessoas LGBTQIA+ na afirmação de suas identidades. O presente artigo também discute o racismo por meio da amizade entre as personagens Jean Grey e Tempestade, uma mulher negra que por sua presença no grupo enfatiza o contraste entre suas diferentes experiências de opressão. Os resultados que apontam que *A Saga da Fênix Negra*, embora focada em uma personagem poderosa, traz à tona temas universais de opressão, liberdade e resistência, revelando a complexidade sobre o gênero, identidade e raça nesse universo.

Palavras-chave: Jean Grey, A Saga da Fênix Negra, Feminismo, Identidade, Movimentos LGBTQIA+, Racismo.

ABSTRACT

This article analyzes the comic book *X-Men: The Dark Phoenix Saga* (Marvel Essentials), reissued in 2023, from three perspectives: power relations and feminism, LGBTQIA+ movements, and racism. The research explores how Jean Grey's transformation into the Dark Phoenix reflects issues of female autonomy, identity, and oppression. Using feminist and minority theories, it argues that the control over Jean Grey's body and power symbolizes the struggle of women for self-determination in a patriarchal society. The conflict between Jean and the antagonists, the Hellfire Club, is interpreted as a metaphor for social pressures that aim to suppress women's capabilities and desires.

In the context of LGBTQIA+ movements, the research identifies the saga as a metaphor for acceptance. The way society and its allies treat Jean Grey reflects the marginalization and challenges faced by LGBTQIA+ individuals in asserting their identities. The article also discusses racism through the friendship between Jean Grey and Storm, a Black woman whose presence in the group highlights the contrast between their different experiences of oppression. The findings suggest that *The Dark Phoenix Saga*, although focused on a powerful character, brings to light universal themes of oppression, freedom, and resistance, revealing the complexities of gender, identity, and race within this universe.

Keywords: Jean Grey, The Dark Phoenix Saga, Feminism, Identity, LGBTQIA+ Movements, Racism.

INTRODUÇÃO

Em sua obra *Multiculturalismo*, Charles Taylor, argumenta que a identidade individual está profundamente enraizada nos contextos culturais e sociais específicos. Para Taylor o multiculturalismo não se trata de tolerar diferenças, mas realizar o devido reconhecimento e valorizar todas as identidades culturais como parte fundamental da identidade pessoal. Em outras palavras, a identidade seria formada por um diálogo constante entre os indivíduos e a sociedade em que estão inseridos, essa interação é crucial para compreender questões de poder e igualdade.

Entretanto, Stuart Hall, contribuiu desenvolvendo o conceito de identidade em sua obra *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*, explora as transformações que as identidades sofrem no contexto da globalização e da modernidade tardia, destacando a fragmentação e a multiplicidade das experiências identitárias.

Podemos verificar abordagens diferentes sobre a identidade cultural e o papel de suas diferenças no mundo contemporâneo. Ao defender que o reconhecimento das identidades culturais é fundamental para o desenvolvimento dos indivíduos na sociedade, Charles Taylor, afirma que as identidades culturais se formam a partir de interações sociais que dependem do reconhecimento mútuo. E esse Multiculturalismo, para Taylor, implicaria que culturas e grupos minoritários precisam ser reconhecidos publicamente para que tenham suas identidades validadas.

Portanto, a dignidade dos indivíduos está ligada diretamente ao reconhecimento das particularidades culturais a qual está inserido. A falta desse reconhecimento afeta negativamente a autoestima e o desenvolvimento das pessoas. Taylor propõe uma “política do reconhecimento”, implicando a aceitação e promoção da diversidade cultural da identidade em uma sociedade plural, com igualdade e respeito mútuo. Defendendo que os indivíduos devem ser livres para viver de acordo com seus valores e tradições, por tanto que não viole direitos de outros grupos.

Stuart Hall, ao tratar da questão da identidade no contexto da pós-modernidade, aborda as constantes transformações que a identidade sofre, ressaltando sua natureza fluida e em constante reconstrução devido às mudanças culturais e sociais. Explora como as identidades culturais são formadas, negociadas

e alteradas em um mundo globalizado e multicultural. Para Hall, a identidade é criada por meio da história e do meio social, nunca fixa ou essencial. As identidades são formadas por processos discursivos e são múltiplas e mutáveis.

Ao visualizar a identidade como fragmentada e descentralizada, sendo moldada pela globalização e pelas migrações, provocando a pluralidade de pertencimentos culturais. Enfatiza que essas identidades não se definem apenas por semelhanças internas, mas pela divergência em relação ao outro. O poder e as relações sociais desempenham assim um papel importante no processo.

Charles Taylor tem uma visão essencialista, em que as identidades culturais têm uma autenticidade histórica profunda que deve ser preservada, enquanto Stuart Hall adota uma postura anti-essencialista, vendo as identidades como fluidas e de construção social, como algo em constante desconstrução e reconstrução especialmente na era da globalização, enquanto Taylor adota uma postura que o reconhecimento público é essencial para validar as mesmas, focando na política de reconhecimento, onde esses grupos buscam validação cultural. Stuart Hall aborda uma política de diferenças, onde essa identidade é relacionada e formada em interação com outras identidades e dinâmicas de poder.

No universo da história em quadrinho X-Men, Fênix Negra (Jean Grey) não poderia ser diferente a personagem que encarna um poder quase divino e uma compreensão emocional profunda, A evolução da personagem Jean Grey, explora como o poder absoluto pode transformar as dinâmicas de poder e influência social, tanto para o indivíduo quanto para os que o rodeiam. A narrativa mostra como o poder intenso e descontrolado pode desequilibrar relações pessoais, criando um conflito entre o desejo de controle e a responsabilidade pela liberdade.

O movimento Feminista se consolidou pela busca da igualdade de gênero e a promoção dos direitos das mulheres. durante as décadas de 1970 e 1980 foi marcado por avanços em suas pautas, durante o período de 1970, o movimento da segunda onda do feminismo, iniciado nos anos 60, ganhou força e foi focado na igualdade de gênero em áreas como o mercado de trabalho, educação e direitos reprodutivos. A pressão por leis que protegessem as mulheres contra a discriminação de gênero, como o *Título IX* (1972) ao garantir igualdade de gênero na educação, e *Roe vs Wade* (1973), legalizando o aborto.

Durantes os anos de 1980, tivemos uma divisão do movimento, com o surgimento de vertentes, como o feminismo negro, feminismo lésbico e o feminismo socialista cada qual enfatizando a interseccionalidade entre gênero, raça e classe. E no mesmo ritmo a oposição conservadora cresceu, através de movimentos anti-feministas, que se opuseram a ratificação da *Emenda de Igualdade de Direitos (ERA)*, que acabou não sendo aprovada.

Essas décadas solidificaram o feminismo como um movimento social multifacetado, que impulsiona discussões sobre direitos reprodutivos, igualdade econômica e complexidade das opressões interseccionadas. Ao realizarmos a análise de Fênix Negra, sobre a ótica do feminismo, podemos destacar como a representação de mulheres poderosas na mídia é fundamental para desafiar as narrativas dos papéis tradicionais de gênero e o patriarcado.

Jean Grey como Fênix Negra exerce o papel de uma mulher com poderes divinos, podendo ser visualizada como uma metáfora para o empoderamento feminino. No entanto, com o desenrolar dessa história em quadrinhos, também são reveladas as armadilhas do poder absoluto, e suas complicações geradas, que surgem quando a protagonista mulher é vista como uma ameaça devido a sua força. Isso troca em temas de controle e opressão que são relevantes para o feminismo: Como a sociedade lida com mulheres que a desafiam, e que vão contra as suas normas estabelecidas, e como o poder feminino pode ser tanto uma fonte de empoderamento quanto de conflito social.

Realizando a integração dessas ideias, com o multiculturalismo de Charles Taylor, podemos realizar uma análise sobre o feminismo presente em Fênix Negra, examinando como a identidade de Jean Grey, é moldada por suas interações culturais e sociais. O poder da entidade cósmica denominada Fênix presente em Jean Grey, é por sua vez vista como uma metáfora para as lutas pela aceitação e pela igualdade, refletindo as tensões entre as diferentes identidades e as formas como o poder pode desafiar ou reforçar essas estruturas sociais existentes.

A questão das relações de poder em Fênix Negra também pode ser entendida pela lente do multiculturalismo, considerando como diferentes identidades culturais e de gênero interagem e como o poder é negociado em contextos diversos. Esse empoderamento de Jean Grey como Fênix Negra ao realizar sua transformação pode

ser interpretado como uma tentativa de transcender limitações impostas pela sociedade, mas também revela a complexidade dos desafios que são gerados quando se busca um equilíbrio entre poder, identidade e justiça.

O grupo das histórias em quadrinhos X-Men foram criados por Stan Lee e Jack Kirby nos anos 60, em um contexto de grandes turbulências sociais e políticas. Os mutantes com suas habilidades especiais, enfrentam por sua vez a discriminação e hostilidade por parte de uma sociedade, refletindo as experiências de marginalização vivida por muitas comunidades. Os temas de alienação, preconceito e luta por aceitação são os principais temas nas histórias em quadrinhos dos X-Men, oferecendo um paralelo claro com as lutas diárias enfrentadas pela comunidade LGBTQIA+.

Em sua HQ intitulada de *Deus ama, O Homem Mata*. Escrita por Chris Claremont e ilustrada por Brent Anderson, considerada uma das mais importantes da franquia dos X-Men. A história lida diretamente com o ódio e o medo direcionados aos mutantes, e com essa forte metáfora sobre a intolerância, fanatismo religioso e violência contra minorias. O vilão William Stryker, um pregador, incita violência contra os mutantes, e a história faz um paralelo claro com o preconceito racial, mas também pode ser aplicada a outras minorias, como a comunidade LGBTQIA+. Como trabalhado em *Deus ama homem mata: as analogias entre a intolerância e as histórias em quadrinhos do x-Men*, de Whindson Senna da Silva.

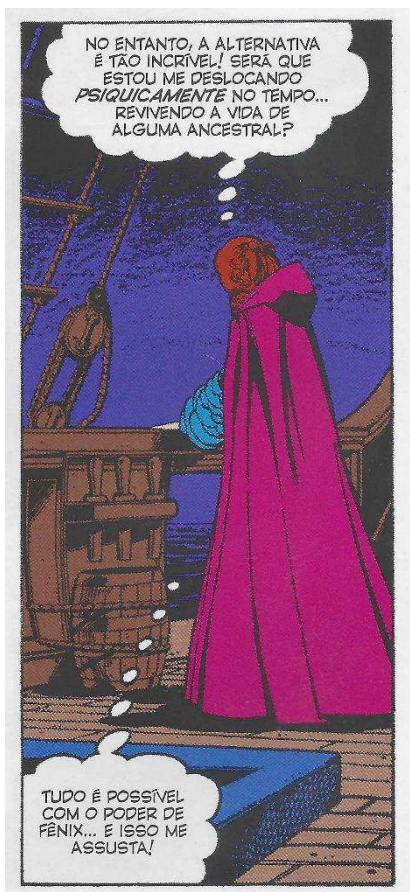
. Nesse grupo de desajustados possuímos a personagem Jean Grey que se transforma na Fênix Negra, uma entidade cósmica de poderes imensuráveis, essa jornada também pode ser vista como uma metáfora para a busca de autoconhecimento e aceitação pessoal. Sua transformação não é apenas física, mas mental, refletindo a complexidade da identidade e das dificuldades de aceitar e integrar diferentes aspectos de si mesmo, com o seu corpo.

Jean Grey então passa a lidar com um poder que podemos considerar uma dádiva amaldiçoada, esse processo de transformação pode ser interpretado como uma metáfora para a descoberta e aceitação da própria identidade, algo que se assemelha fortemente com as experiências da comunidade LGBTQIA+. A luta interna de Jean para controlar e entender o poder da Fênix simboliza uma jornada de autoconhecimento e aceitação que muitos enfrentam para lidar com sua identidade sexual e de gênero.

O conflito entre a Fênix Negra e a própria Jean Grey pode ser visto como uma representação da luta para conciliar-se com si mesmo, uma identidade pessoal em conflito com expectativas sociais. A transição entre Jean Grey e Fênix negra tem uma figura de linguagem tão poderosa e ao mesmo tempo tão vulnerável, destacando a complexidade e a intensidade da busca por aceitação e a autenticidade do ser.

Na Edição #129 (2023), o processo de transformação de Jean Grey em Fênix começa a tomar forma de maneira mais profunda. Os roteiristas e artistas exploram não apenas o poder imenso que ela começa a manifestar, mas também o impacto psicológico e emocional dessa mudança na personagem. Jean, outrora uma heroína centrada e em controle, agora lida com impulsos que fogem de sua compreensão, levando a uma luta interna sobre como equilibrar sua identidade original com a nova e avassaladora persona da Fênix.

Figura 1 – Interior da Os fabulosos X-Men: Deus Poupe o Filho... n °129



Fonte: CLAREMONT, Chris, 2023

Na imagem acima Jean se questiona sobre como sua vida parece estar distorcida da realidade em que vivia após adquirir os poderes da Fênix Negra, o

conflito interno da personagem começa a se desenvolver em torno de suas personalidades e como ela se relaciona com seus companheiros.

A amizade entre as personagens Jean Grey e Tempestade (Ororo Munroe) nos quadrinhos dos X-Men é um excelente exemplo para explorar a questão do racismo e as diferentes experiências de opressão. Jean Grey e Tempestade possuem origens e vivências complexas e diferentes, que refletem como o racismo pode se manifestar de diferentes maneiras.

A dinâmica entre as personagens ilustra como a amizade pode transcender essas barreiras impostas por uma sociedade antiquada e criar um espaço de solidariedade e sororidade, a compreensão mútua. Apesar de suas diferentes origens, Jean e Tempestade conseguem se apoiar e aprender uma com a outra.

A relação delas pode ser vista como uma metáfora para a colaboração e a construção de pontos entre exigências de opressão distintas. Isso também evidencia a importância de reconhecer e valorizar a diversidade dentro de um grupo que luta contra a opressão, enfatizando que a solidariedade pode surgir mesmo em meio a experiências de discriminações variadas.

A Saga da Fênix Negra dos X-Men, a história acompanha Jean Grey, uma mutante telepata e telecinética que, após um acidente espacial, se transforma na Fênix, uma entidade cósmica que amplifica seus poderes. Essa transformação traz tanto grande potencial quanto risco, pois a Fênix Negra, sua parte sombria, começa a emergir à medida que Jean explora suas novas habilidades.

Jean é acompanhada por Ciclope, seu amor e líder dos X-Men, que luta para salvá-la enquanto ela perde o controle. O Professor Xavier, mentor dos X-Men, tenta ajudá-la a dominar seus poderes. O clube do inferno, busca manipular Jean para seus próprios benefícios. À medida que Jean se torna mais poderosa e incontrolável, suas ações têm consequências devastadoras

A Saga da Fênix Negra explora temas de identidade, poder e sacrifício, solidificando-se como uma das melhores histórias em quadrinhos da Marvel. A transformação de Jean de heroína a vilã e seu sacrifício ressoam com os leitores, resultando em diversas interpretações e adaptações em quadrinhos, filmes e séries animadas ao longo dos anos.

Multiculturalismo, o Feminismo e a Fênix Negra

Charles Taylor e Susan Wolf na obra *Multiculturalismo* destacam o feminismo e a sua relação com a política de reconhecimento e as questões de identidade do ser. O texto discute como a reivindicação dos reconhecimentos por parte das mulheres se assemelha à luta de outras minorias culturais, esse reconhecimento da especificidade das mulheres é visto como algo fundamental para a igualdade de gênero e dignidade.

Além disso, enfatizam que a luta pelo reconhecimento deve ser vista como um processo coletivo, em que todas as identidades se interconectam e se reforçam mutuamente. Assim, o feminismo é não apenas um caminho para a emancipação das mulheres, mas uma parte intrínseca da luta por justiça social em um mundo multicultural.

[...] mulheres como indivíduos com espírito, interesses e talentos próprios, que podem ser mais ou menos constrangedoras ou indiferentes aos papéis que o seu sexo lhes confinou, é, em segundo lugar, o erro em reconhecer os valores e capacidades envolvidos nas atividades tradicionalmente associadas as mulheres e os modos em que a experiência e a atenção podem desenvolver e não liminar as nossas habilidades intelectuais, artísticas e profissionais nos outros contextos. (TAYLOR, WOLF 1998 p.97)

Charles Taylor e Susan Wolf mencionam os desafios que o feminismo enfrenta diariamente, especialmente relacionado à educação multicultural e a necessidade de reconhecer as contribuições e experiências das mulheres como um todo. O feminismo, portanto, enfrenta a tarefa de equilibrar a homogeneidade de suas demandas com o reconhecimento das diferentes culturas e tradições. Essa educação multicultural mencionada visa incorporar variadas experiências e perspectivas, mas o mesmo pode gerar conflitos com princípios feministas que lutam por uma igualdade de direitos universais, a dificuldade então se encontra na integralização dos valores divergentes com as experiências sem comprometer os objetivos fundamentais do feminismo. “[...] estes movimentos de libertação, também visam ultrapassar a divisão

legítima da sociedade, o auto-entendimento da cultura majoritária não pode permanecer intocável.” (TAYLOR, WOLF 1998 p. 135)

Portanto, se torna fundamental para o feminismo reconhecer e valorizar as distintas contribuições das mulheres ao longo da história, especialmente aquelas de grupos marginalizados. Isso não só enriquece a narrativa feminista como também assegura que o movimento não se torne exclusivo de um grupo, por possuir experiências variadas. Wolf argumenta que para a efetivação da inclusão o feminismo deve enfrentar esses desafios de maneira construtiva levando em consideração as críticas e integrando as diferentes dimensões das experiências femininas enquanto luta por uma mudança social significativa.

Ao argumentar sobre a distinção entre mulheres e minorias culturais, Susan Wolf expõe que apesar da existência das semelhanças entre as lutas das mulheres e das minorias culturais, há uma distinção fundamental. O reconhecimento político das mulheres pode levar a considerações de desigualdade, enquanto o reconhecimento das minorias culturais é frequentemente visto como uma forma de igualdade.

A luta feminista se concentra em questões de desigualdade de gênero que por sua vez busca alterar as estruturas de poder que perpetuam essa desigualdade. O reconhecimento político das mulheres envolve abordar essas desigualdades diretamente, através da política de igualdade e ações afirmativas. A ênfase está em corrigir o desequilíbrio de poder e promover igualdade de oportunidades.

Em contraste, o reconhecimento das minorias culturais pode ser visto com frequência se referindo ao respeito e preservação de identidades culturais e práticas que podem ser ameaçadas pela homogeneidade cultural. Nesse caso pode ser visto como uma forma de garantir igualdade no sentido de assegurar que diferentes culturas tenham um espaço e uma voz na sociedade, deixando as desigualdades estruturais de lado, esse reconhecimento é mais voltado para a celebração das diversidades e a proteção dos direitos culturais.

Sugerindo assim que as abordagens têm objetivos diferentes enquanto o feminismo busca uma transformação nas entranhas da sociedade para alcançar a igualdade de gênero, o reconhecimento das minorias culturais tende a valorizar a preservação e a valorização das diferenças culturais como um componente de

igualdade social. Essa divergência de focos pode levar a abordagens variadas e conflitantes sobre como promover uma justiça na inclusão.

A compreensão da identidade social das mulheres está intrinsecamente ligada aos papéis de gênero tradicionais, sendo este um tema central nas discussões sobre reconhecimento e igualdade. Historicamente a identidade de ser mulher foi construída em torno de papéis de gênero rigidamente definidos, como a figura da mãe, esposa e cuidadora. Esses papéis foram impostos estruturalmente, limitando as oportunidades e os direitos das mulheres em diversas esferas de nossa sociedade.

A identidade da mulher, quando fixada nesses papéis tradicionais, contribui para a permanência da desigualdade de gênero. Esses papéis frequentemente reforçam o estereótipo e a noção de que uma mulher deve assumir funções de subalternas e de menor valor, enquanto aos homens que ocupam papéis mais públicos de liderança ou autoridade.

A teoria feminista de Angela Davis questiona como essas construções de gênero favorecem os homens e renegam as mulheres uma posição, mantendo as mesmas em uma posição inferior e limitada na sociedade. O reconhecimento das mulheres deve, portanto, ir além da aceitação de sua existência e função dentro de papéis tradicionais. Desafiando essas estruturas e criando o espaço em que as mulheres sejam vistas como agentes de mudança e participantes iguais da sociedade.

A projecção de uma imagem do outro como ser inferior e desprezível pode, realmente, ter um efeito de distorção e de opressão, ao ponto de essa imagem ser interiorizada. Não é só o feminismo contemporâneo, mas também as relações raciais e as discussões sobre o multiculturalismo, que se fundamentam na premissa de que a recusa de reconhecimento pode ser uma forma de opressão. (TAYLOR, WOLF 1998, p.57)

A dissociação do papel limitante da mulher é fundamental para que a igualdade de gênero seja alcançada. Ao discutirmos o reconhecimento é fundamental levar em consideração como a construção da identidade de gênero afeta a forma como as mulheres são tratadas em relação aos homens, assim então podemos desconstruir essas associações entre papéis de gênero tradicionais e a identidade

feminina seja fundamental para que as mulheres sejam vistas e tratadas com igualdade de gênero.

As mulheres historicamente, são definidas de forma a perpetuar seus status de subordinadas aos homens, e para alcançar a igualdade verdadeira, é necessário uma transformação nos papéis de gênero na forma como a identidade da mulher é percebida, reconhecida, valorizada.

A necessidade de reconhecimento está profundamente vinculada com a autonomia, e essa questão é central para o feminismo. O objetivo é por sua vez garantir que as mulheres possuam o poder de definir suas próprias identidades, livremente, sem serem restringidas por estereótipos e papéis sociais que tradicionalmente lhes são impostos. Isso implicaria que a autonomia de uma mulher deve ser reconhecida em todos os aspectos da sua vida, pessoal, profissional e social.

A capacidade das mulheres de definirem suas próprias vidas, escolhas e identidades, sem que essas sejam moldadas ou limitadas por expectativas sociais tradicionais, o reconhecimento garante por sua vez que a mulher possa expressar livremente quem é, sem ser forçada a cumprir determinado papel, como de cuidadora, esposa ou mãe, a menos que assim o faça por livre arbítrio.

Para que essa autonomia venha a ser valorizada, é por sua vez fundamental reconhecer que a mulher possui múltiplas identidades e experiências. O reconhecimento adequado deve valorizar essas versões e resistir a indução de uma identidade estereotipada a um modelo único de feminilidade. Mulheres de diferentes culturas, classes, orientações sexuais e experiências de vida devem igualmente receber o devido reconhecimento.

Em virtude das tradições as mulheres foram reduzidas a papéis sociais que limitavam a sua autonomia, com os de esposa, ou mãe, ou foram objetificadas de maneira que negavam a sua complexidade como seres humanos. O feminismo critica essas visões e argumenta que para que o reconhecimento seja de valor significativo, o mesmo deve ser desvinculado dessas restrições, desafiando as normas sociais e culturais que impõem expectativas limitantes para essas mulheres.

As injustiças mais óbvias neste contexto são, pelo menos que os membros das culturas não reconhecidas se irão sentir destruído e vazios faltando-lhes as fontes para um sentimento de comunidade e uma base para a auto-estima, e, no pior dos casos sentirem-se ameaçados com o risco de aniquilação cultural. (TAYLOR, WOLF 1998, p.96)

Essa autonomia deve ser reconhecida na esfera pública e na privada e isso significaria garantir que as mulheres possam participar plenamente da vida pública, seja política, no trabalho ou na liderança, ao mesmo tempo que se abre espaço para exercer controle sobre suas próprias narrativas pessoais e familiares. Quando falamos das relações de poder em Fênix Negra sob a ótica do multicultural, estamos considerando como os diferentes aspectos da identidade do personagem Jean Grey interagem e como isso afeta as dinâmicas de poder no universo dos X-Men.

A identidade de um indivíduo é influenciada por diversos fatores, que incluem gênero, cultura, e contexto social. No caso da personagem Jean Grey, sua identidade é moldada não apenas por ser uma mutante, mas também por ser uma mulher com habilidades fora do comum. O multiculturalismo descrito por Charles Taylor enfatiza que as identidades são formadas através da interação com diversas influências culturais e sociais.

Quando Jean Grey assume a sua identidade de Fênix Negra, enfrenta conflitos que não são apenas sobre o poder que a mesma possui, mas como esse poder é gerido em diferentes contextos. Precisamos levar em consideração que ela é uma mulher em um mundo onde as mulheres muitas vezes enfrentam desafios para obter reconhecimento e respeito. Fênix por sua vez representa a identidade transcendente que desafia os limites culturais e sociais que foram estabelecidos rompendo com o tradicional. Assim a maneira como ela lida com demasiado poder e como é vista pelos outros reflete questões mais amplas sobre o gênero e o poder.

Esse poder que Fênix negra carrega pode ser visto como um microcosmo das negociações de poder em contextos diversos. O multiculturalismo sugere então que o poder é muitas vezes negociado e disputado entre diferentes grupos e identidades. No universo dos X-Men, o poder divino da Fênix Negra é uma força disruptiva que desafia as estruturas dos demais já existentes. Esse poder não só afeta a própria Jean

Grey, como também a dinâmica entre ela e os outros personagens, refletindo as tensões e negociações de poder que ocorrem em uma sociedade multicultural.

Cada personagem presente nesse universo vem de um fundo cultural e social diferente, e a forma como eles interagem com a Fênix Negra é influenciada por contextos diversos. A resposta dos membros do grupo então pode variar com base em suas próprias experiências e identidades culturais, essa diversidade de perspectivas e a maneira como esse poder é aceito, desafiado ou temido.

A experiência de Jean Grey como uma mulher com grande poder aborda diretamente questões de gênero. O multiculturalismo ajuda a entender que essas questões não são universais e podem variar conforme diferentes contextos culturais e sociais. Em muitos casos, o poder feminino é tratado com hostilidade e a narrativa da Fênix Negra pode ser vista como uma reflexão dessas dinâmicas.

Ao realizar a análise da Fênix Negra através desta ótica do multiculturalismo, conseguimos observar como o poder é negociado e interpretado em um texto onde as identidades culturais e de gênero se cruzam. Auxilia o entendimento não apenas da complexidade da personagem, como a representação de poder feminino e as relações de gênero que podem refletir e influenciar questões culturais e sociais mais amplas.

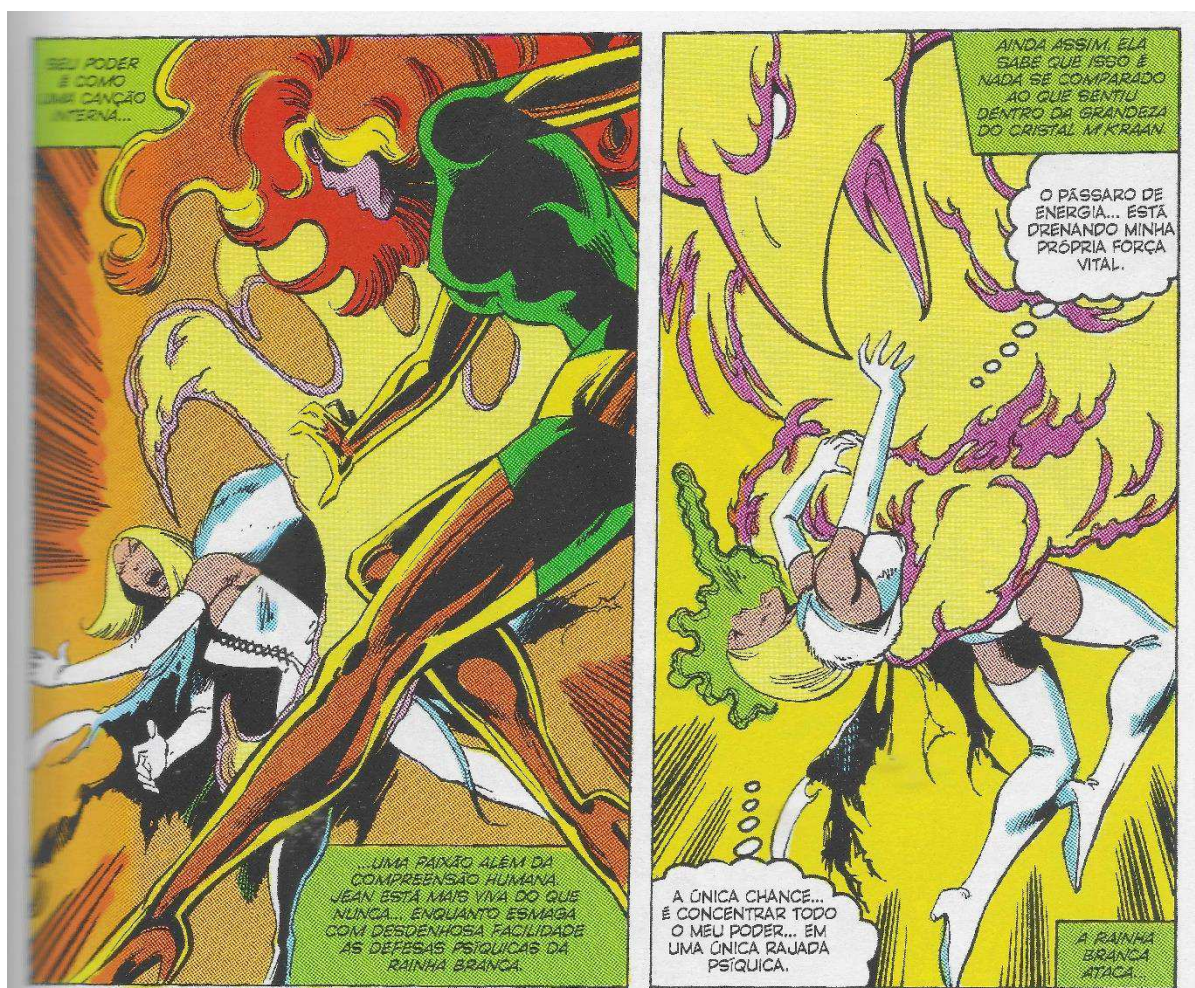
Sendo assim, o conflito entre Jean Grey e o Clube do Inferno, na saga da Fênix Negra, pode ser interpretado multiculturalmente como o reflexo das pressões sociais que tentam suprimir a diversidade e a individualidade feminina, especialmente em meio a diversidade de identidades coexistentes, e marginalizadas. O Clube do Inferno representa um grupo elitista composto por personagens de demasiado poder que buscam então controlar a Fênix, e manipular suas forças em benefício próprio, simbolizando forças culturais e sociais que impõem limites sobre a autonomia das mulheres.

O Clube do Inferno, presente na saga *Fênix Negra* dos X-Men, é uma sociedade secreta formada por membros da elite rica e influente, cujas operações envolvem manipulação política e econômica. Na narrativa, o grupo tem como objetivo controlar a poderosa entidade da Fênix e usar seus poderes em benefício próprio. Personagens como Sebastian Shaw e Emma Frost desempenham papéis centrais, com Emma usando suas habilidades psíquicas para manipular Jean Grey, contribuindo para a transformação da heroína na Fênix Negra. O Clube do Inferno

representa, simbolicamente, o abuso de poder e a exploração, contrastando com as lutas internas de Jean Grey e seu crescente poder.

Na Edição #131 (2023), um dos momentos mais marcantes da narrativa ocorre quando Jean Grey confronta Emma Frost, uma poderosa telepata e membro do Clube do Inferno. A cena é carregada de tensão e emoção, representando não apenas um embate físico, mas também uma batalha simbólica entre duas visões do poder e do controle.

Figura 2 – Interior da Os fabulosos X-Men: Fuja Para Sobreviver! n °131



Fonte: CLAREMONT, Chris, 2023

A coexistência de diferentes culturas pode tanto promover a diversidade quanto reforçar hierarquias antiquadas que limitam a expressão plena de identidades já marginalizadas. Jean é uma mulher com poderes além do seu controle, simbolizando uma diversidade cultural que ameaça a permanência da superioridade representada pelo Clube do Inferno.

A tentativa do grupo de controlar a mesma pode ser lida como uma metáfora das forças sociais que tentam submeter a mulher de diferentes etnias e culturas a normas homogêneas e patriarcais. Esse controle, não visa apenas restringir a liberdade do ser, mas apropriar-se do seu potencial. Esse tipo de dominação se reflete nas dinâmicas onde culturas dominantes se apropriam de elementos de culturas minoritárias sem respeitar sua autonomia ou originalidade.

Mulheres de diferentes origens enfrentam camadas adicionais de opressão relacionadas tanto ao gênero quanto à cultura. Jean Grey enquanto figura simbólica da mulher por transcender essa barreira representa a luta contra o apagamento de vozes. Todavia, o Clube do Inferno, ao tentar controlar Jean e a submetendo a uma identidade em prol dos seus próprios objetivos, reflete como a sociedade frequentemente tenta homogeneizar as identidades femininas e culturais, suprimindo a diversidade de suas narrativas.

No multiculturalismo, as diferentes expressões de feminilidade, sejam mulheres negras imigrantes ou pertencentes a outras minorias, são frequentemente subordinadas a uma visão de dominação que nega a pluralidade de seus desejos, autonomia e sua capacidade. O conflito entre Jean e o Clube pode, portanto, ser visto como a pressão social que tenta limitar a complexidade e riqueza de identidades femininas no mundo.

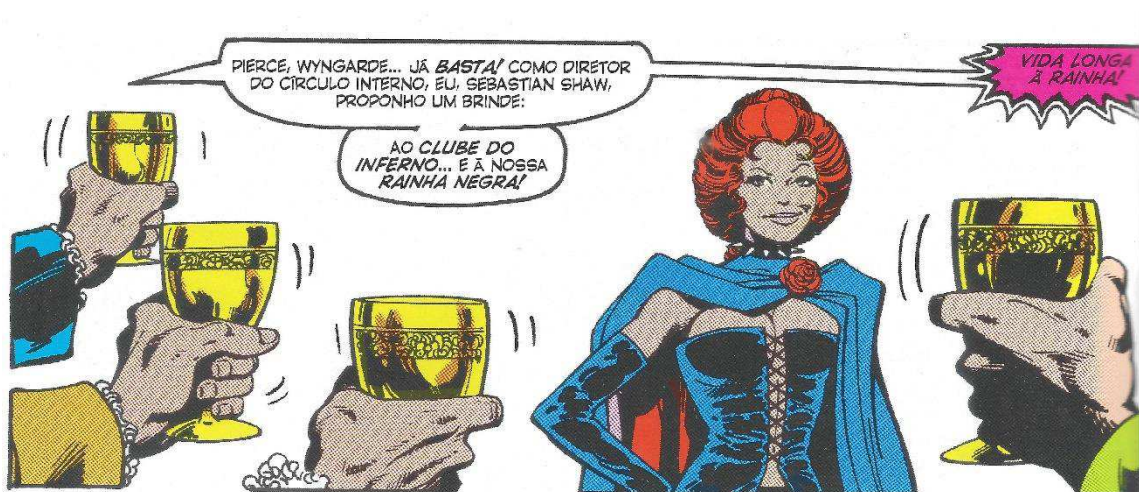
O Clube do Inferno portanto é a estrutura de poder que mantêm a desigualdade em contexto multicultural, oprimindo mulheres que não se conformam com a hegemonia. Assim desejando manipular e explorar o poder de pessoas como Jean, se apropriando da força e das contribuições de mulheres diversas, ao mesmo tempo que as marginalizam.

Revelando que as repressões para suprimir não são uniformes, mas intensificadas em função de fatores culturais e raciais. Mulheres de origens diversas enfrentam opressões que vão além do seu gênero, incluindo o racismo, xenofobia e outras formas de discriminação. A luta de Jean contra o Clube é interpretada então como uma luta contra essa subordinação interseccional de mulheres, onde as identidades são múltiplas, mas que muitas vezes são suprimidas ao controle de forças dominantes.

Na Edição #132 (2023), a cena retrata Jean Grey em um momento de vulnerabilidade, agora sob o controle do Clube do Inferno. Essa manipulação destaca o quão facilmente mesmo os indivíduos mais poderosos podem ser influenciados e usados para fins egoístas. Os membros do Clube do Inferno, conhecidos por suas táticas manipuladoras e traiçoeiras, veem em Jean uma oportunidade de explorar seus imensos poderes para alcançar seus próprios objetivos.

Eles a cercam, usando tanto habilidades telepáticas quanto jogos psicológicos para dobrar sua vontade. Essa dinâmica de controle e subserviência é um reflexo das lutas internas que Jean enfrenta enquanto tenta manter sua identidade e independência, agora ameaçadas por aqueles que buscam explorá-la.

Figura 3 – Interior da Os fabulosos X-Men: O Inferno Não Pode Esperar! n °132



Fonte: Santos, Hugo Vital, 2024

Esse conflito revela uma metáfora sobre a supressão das capacidades e desejos das mulheres em uma sociedade que não abraça a diversidade. O Clube do Inferno representando as forças de opressão que tentam dominar e explorar as identidades femininas, enquanto Jean com seu poder incontrolável, simboliza a luta pela autonomia e reconhecimento da diversidade plural nas narrativas femininas em um mundo multicultural.

À medida que a manipulação se intensifica, Jean começa a perceber a profundidade da traição e a verdadeira natureza de seus captores. Ela se vê confrontando a realidade de que, para se libertar do controle do Clube do Inferno, deve não apenas desafiar suas táticas astutas, mas também reavaliar sua própria identidade e o que significa ser a Fênix Negra.

Essa jornada de autodescoberta se torna um caminho de resistência, onde Jean deve encontrar força nas cicatrizes do passado e transformar sua dor em poder, ao mesmo tempo em que luta para quebrar as correntes que a mantêm presa a uma versão de si mesma que não a define. Essa transformação é crucial, pois não apenas a ajudará a superar o Clube do Inferno, mas também a reafirmará como uma heroína que se recusa a ser uma marionete nas mãos dos outros.

Corpos, representação LGBTQIA+ e a Fênix Negra

De acordo com Alexandre Linck Varga em *O corpo do super-herói e a vida mutante*, em tradições gregas, a Kháris desempenha papel fundamental na construção da identidade dos heróis e atletas. A kháris refere-se à graça concedida por deuses, que se manifesta na beleza escultural e no poder reluzente dos indivíduos. Essa graça divina é associada com habilidade atléticas e heroicas, representando não apenas a força física, mas também a excelência moral e suas virtudes.

Esses heróis gregos eram vistos como receptores da kháris, que lhes conferia não apenas beleza, mas uma aura de divindade. Essa graça divina era considerada um presente de deuses, benção essa que distinguia os heróis e atletas dos demais indivíduos da sociedade. Kháris então desempenhava um papel na identidade dos heróis e atletas gregos, conectando sua excelência física e moral com intervenções divinas e a admiração pela sociedade. Essa noção de graça e beleza como expressões de poder e virtude influenciam profundamente a concepção de heroísmo na cultura grega.

Esse conceito de Kháris vindo das mitologias gregas, refere-se a essa graça, divina concedida por deuses, era visto como uma qualidade que poderia se manifestar como beleza física, habilidade atlética, talento artístico, carisma e generosidade. Os X-Men são retratados de forma distinta nas histórias em quadrinho em comparação com suas adaptações para o cinema que por sua vez refletem diferentes abordagens narrativas dessas temáticas. Nas histórias em quadrinhos, os X-Men frequentemente apresentam uma profundidade maior em seus personagens, explorando suas histórias de fundo, conflitos internos e dinâmicas de seus grupos.

Essa narrativa em quadrinhos permite um desenvolvimento mais extenso das relações interpessoais, como a amizade entre os personagens Wolverine e Jean Grey, ou a rivalidade entre Professor X e Magneto. No cinema, embora esses elementos venham sendo abordados, o tempo limitado para um filme pode resultar em uma simplificação das histórias e das motivações de seus personagens.

As HQs dos X-Men frequentemente abordam temas sociais complexos, como discriminação, aceitação e identidade, refletindo questões contemporâneas, como direitos civis e diversidade. Essas questões são centrais em suas histórias, onde os mutantes são frequentemente vistos como uma metáfora para grupos marginalizados, essas adaptações cinematográficas também tocam nesses temas, mas muitas vezes de forma superficial ou em contexto mais amplo, focando mais na ação e no entretenimento.

Em *X-Men: Legacy (2008-2012)*, série focada no personagem Legion, filho do Professor Xavier, explora temas de identidade, autoaceitação e como ele é visto por outros como alguém “diferente ou perigoso”. Isso reflete as lutas internas de indivíduos LGBTQIA+ que tentam entender sua identidade enquanto enfrentam estigmas sociais.

Temos também *surpreendentes X-Men Vol. 3 (2004-2013)*, escrita por Joss Whedon, essa série aborda questões de aceitação e relacionamento através dos personagens Estrela Polar, que foi um dos primeiros super-heróis abertamente gays, e Kyle Jinadu, seu parceiro. Eventualmente, os dois se casam, com seu casamento sendo celebrado no *Surpreendentes X-men Vol. 51 (2012)*. Este foi um marco nos quadrinhos de mainstream, mostrando o compromisso dos X-Men em refletir a luta pela igualdade LGBTQIA+.

Já sobre a supervisão de Grant Morrison, em *Novos X-Men (2001-2004)*, foi introduzido o conceito mais amplo de diversidade e aceitação, com os mutantes muitas vezes sendo tratados como “estranhos” na sociedade. Morrison trabalha com temas como identidade fluida e autoaceitação, temas relevantes para a experiência LGBTQIA+. Um exemplo importante é a personagem Beak, cuja aparência “diferente” provoca hostilidade e marginalização, um reflexo das experiências de exclusão que muitas minorias enfrentam.

Com *Dinastia X / Potências de X (2019)*, Jonathan Hickman reformulou o status quo dos X-Men ao colocar como uma nação soberana na Ilha de Krakoa.

Embora não trate explicitamente de questões LGBTQIA+, a ideia de formar uma comunidade autossuficiente e unida em torno de uma identidade reflete a criação de espaços seguros e desejo de pertencimento, algo comum nas experiências de grupos marginalizados.

Em *X-tremistas (2019)*, minissérie escrita por Leah Williams se passa em um universo alternativo onde o amor e o contato íntimo são proibidos. Essa história questiona a repressão do desejo e da identidade pessoal, com a metáfora para as realidades enfrentadas por pessoas LGBTQIA+ que são forçadas a esconder suas verdades identidades. A série foca em personagens como Estrela Polar e Psylocke, explorando as tensões internas e sociais relacionadas a aceitação e amor.

Apesar de suas habilidades extraordinárias, os X-Men enfrentam desafios que refletem questões sociais e identitárias. Destacando a complexidade de suas narrativas em relação à discriminação e aceitação. “Mas os X-men ainda são super-heróis, como bem sabemos, fisicamente seus poderes são insustentáveis.” VARGAS, Alexandre Linck, 2018, pg.75.

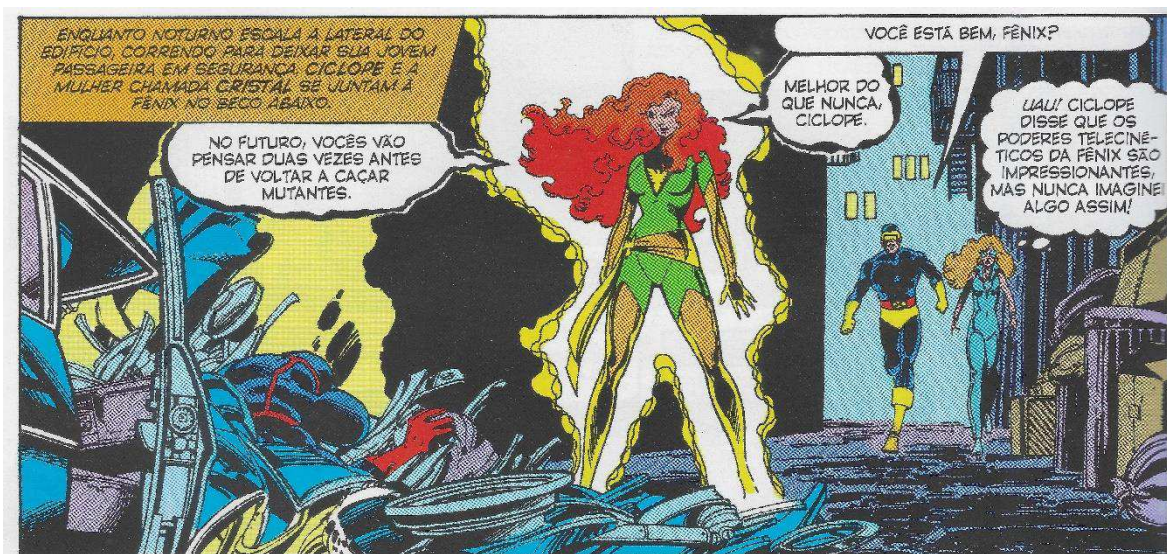
Além disso podemos interpretar como uma referência à luta dos mutantes, que simboliza a luta contra a opressão e a busca por aceitação em um mundo que os marginaliza. “Não há documento de cultura que não seja um documento de barbárie.” VARGAS, Alexandre Linck, 2018 p.80.

Essa dualidade dos X-Men, que vivem entre o desejo de se integrar à sociedade e a realidade de serem vistos como ameaças. Manifestando a Kháris, onde a beleza de suas habilidades e a profundidade de suas narrativas se entrelaçam com a luta contra a opressão e a busca por um lugar no mundo.

O corpo dos X-Men, é frequentemente associado à ideia de uma extensão de suas habilidades extraordinárias, cada mutante possui um poder que não apenas o diferencia dos demais, mas também reflete uma forma de beleza e singularidade identitária. Essa beleza não é apenas estética, mas também simbólica, representando a diversidade e a complexidade da experiência humana. Dessa forma, a Kháris se manifesta na forma como esses corpos são celebrados por sua capacidade extraordinária, mesmo que muitas vezes sejam marginalizados.

Na Edição #131 (2023), vemos Jean Grey em um momento de introspecção crucial. A cena captura o instante em que ela começa a perceber, de forma mais clara, as profundas mudanças que estão ocorrendo tanto em sua mente quanto em seu corpo, como resultado da fusão com a Força Fênix. A arte nesta edição ressalta essas transformações visivelmente:

Figura 4 – Interior da Os fabulosos X-Men: Fuja Para Sobreviver! n °131



Fonte: CLAREMONT, Chris, 2023

Também podemos compreender como um elemento que busca a aceitação e a harmonia. Nos quadrinhos, os X-Men lutam não apenas contra os vilões, mas também contra a discriminação e o preconceito, a busca por aceitação em um mundo que os marginaliza, reflete a luta pela *kháris*, onde a graça e a beleza de suas identidades mutantes são frequentemente desconsideradas. A narrativa, portanto, se torna uma busca por reconhecimento e valorização das diferenças.

Na Edição #132 (2023), uma das cenas mais impactantes e simbólicas ocorre entre Jean Grey e Scott Summers (Ciclope), explorando não apenas a relação amorosa entre os dois, mas também questões profundas de confiança e aceitação. O momento em que Jean auxilia Scott a remover sua viseira, que ele sempre usa para conter seus devastadores raios ópticos, marca um ponto de transformação para ambos os personagens.

Jean simbolicamente remove as barreiras que os dois enfrentam, permitindo que ele se conecte mais profundamente com sua essência e potencial. Essa ação não é apenas um ato de amor, mas também um momento de vulnerabilidade e confiança,

onde Jean demonstra que, ao abraçar suas próprias forças, pode ajudar Scott a fazer o mesmo.

Refletindo a ideia de que, em um relacionamento saudável, a aceitação mútua das identidades e fraquezas é fundamental para o crescimento e a harmonia. Esse ato de empoderamento conjunto não apenas fortalece a conexão entre Jean e Scott, mas também os prepara para os desafios que estão por vir, mostrando que, juntos, eles podem enfrentar e superar as adversidades que o mundo dos mutantes impõe.

Figura 5 – Interior da Os fabulosos X-Men: O Inferno Não Pode Esperar! n.º 132



Essas articulações da Kháris nos corpos dos X-Men revela uma rica interseção entre poder, beleza, identidade e aceitação, onde a luta dos mutantes se torna uma metáfora para a busca por reconhecimento e valorização em um mundo que os menospreza e os marginaliza.

Os X-Men são concebidos como uma alegoria das experiências de grupos minoritários, incluindo a população LGBTQIA+. Os mutantes que enfrentam o preconceito e discriminação social devido suas diferenças, refletem as suas lutas enfrentadas por estudantes LGBTQIA+ em seus âmbitos educacionais, como a busca por aceitação e o medo de rejeição.

As histórias dos X-Men, abordam temas de autoaceitação e a luta contra essa discriminação, que são questões centrais na vivência de muitos jovens LGBTQIA+. Os personagens mutantes enfrentam desafios semelhantes aos alunos da comunidade, que encontram ambientes escolares e são afetados por bullying e exclusão. Através das suas narrativas, os X-Men oferecem um espelho para essas experiências, mostrando como a união e a solidariedade podem ser ferramentas poderosas para enfrentar a opressão.

[...] Os X-men são o grupo de super-heróis da Marvel que melhor representam as questões vividas por minorias sociais na vida real, uma vez que suas histórias retratam conflitos de auto aceitação, medo de rejeição, preconceito, discriminação e ao mesmo tempo mostram luta desses para a construção de uma sociedade mais aberta e que aceite as diferenças. (CARVALHO, RIBEIRO 2020 p. 581)

Marco Aurelio de Carvalho e Paulo Rennes Marçal Ribeiro, argumentam em *ESCOLA, GÊNERO E ABJEÇÃO: DESDOBRAMENTOS A PARTIR DA ALEGORIA NA ANIMAÇÃO X-MEN: EVOLUTION*, que a animação X-Men: Evolution, pode ser utilizada como uma ferramenta didática para educadores, permitindo que se discuta abertamente questões de homofobia e transfobia em sala de aula. A alegoria dos X-Men facilita a compreensão e o diálogo sobre a diversidade e aceitação.

Os X-Men representam a luta que busca uma sociedade mais inclusiva e aberta às diferenças. As narrativas dos personagens refletem a necessidade de

combater preconceitos e promover a aceitação, o que é especialmente relevante para a formação de um ambiente escolar mais acolhedor para todos os tipos de alunos

Na Edição #131 (2023), uma das cenas mais emocionantes e tocantes acontece quando Jean Grey abraça Kitty Pryde, oferecendo-lhe conforto e apoio em um momento de extrema vulnerabilidade. Kitty, uma jovem mutante que acabou de descobrir seus poderes, está fugindo após ser rejeitada e marginalizada por sua família e pela sociedade, incapazes de aceitar sua nova identidade. Sem um lar ou qualquer perspectiva de futuro, ela se sente isolada e perdida, em um mundo que a vê como uma ameaça.

A imagem captura esse momento de compaixão. Jean, em sua fase de transição para a Fênix, demonstra que, apesar de toda a transformação e poder avassalador que está enfrentando, ainda mantém sua capacidade de empatia e cuidado. Ao abraçar Kitty, Jean oferece a ela não apenas um espaço físico no Instituto Xavier, mas também um refúgio emocional, um lugar onde Kitty pode ser quem realmente é, sem medo de rejeição ou perseguição.

Figura 6 – Interior da Os fabulosos X-Men: Fuja Para Sobreviver! n °131



Fonte: CLAREMONT, Chris, 2023

Ao discutir o conceito de abjeção Carvalho e Ribeiro, o descrevem como o espaço que a coletividade impõe a indivíduos que são vistos como ameaças à ordem social. Esses indivíduos são frequentemente temidos e excluídos, sendo considerados “abjetos” pela sociedade. “[...] ser abjeto é ser temido e ser alvo de recusa ao ser encarado com repugnância.” (CARVALHO, RIBEIRO 2020 p. 583). Essa definição é fundamental para compreender como as minorias sociais, incluindo alunos LGBTQIA+, são tratados em ambientes escolares.

Ao destacar que a escola é um espaço onde a abjeção se manifesta, especialmente para quem não se encaixa nas normas de gênero e sexualidade hegemônicas. Apontando que “[...] a escola é um espaço de reprodução dos valores hegemônicos [...] há uma engenharia social que visa construir corpos ‘normais’” (CARVALHO, RIBEIRO 2020 p.583). Ilustrando como a abjeção se traduz em experiências de solidão e terror para alunos LGBTQIA+.

Carvalho e Ribeiro argumentam que, em vez de reproduzir a experiência da abjeção, o processo de aprendizado pode ser uma oportunidade para ressignificar o que é considerado “estranho ou anormal”. Isso é visto como um meio de mudança social e abertura para um futuro, essa ressignificação promove um ambiente escolar mais inclusivo. “[...] Ao invés de ensinar a reproduzir a experiência da abjeção, o processo de aprendizado pode ser ressignificado do estranho, do anormal como veículo de mudança, social e abertura para o futuro”. (MISKOLCI 2017, p.70).

A alegoria dos X-Men é utilizada para ilustrar essas experiências de abjeção, os mutantes que enfrentam discriminação e exclusão, representam as lutas de grupos marginalizados e minorias sociais, as histórias dos X-Men, podem por sua vez ajudar a discutir e entender a dinâmica de abjeção que ocorre nas escolas permitindo que educadores abordem essas questões de forma clara e eficaz. O conceito de abjeção é central para a análise das experiências de minorias sociais, permitindo uma reflexão crítica sobre como a sociedade e as instituições, como a escola, lidam com as diferenças e as diversidades.

No universo dos quadrinhos, a saga da Fênix Negra, protagonizada por Jean Grey, surge não apenas uma narrativa de histórias épicas que retrata a Kháris, mas também como uma rica metáfora para temas que refletem as experiências da comunidade LGBTQIA+. A transformação de Jean em seu alterego Fênix Negra e a

reação da sociedade e de seus aliados com essa metamorfose oferecem uma perspectiva reveladora sobre a marginalização e os desafios enfrentados por pessoas LGBTQIA+ na afirmação de suas identidades.

Como uma das figuras centrais do grupo dos X-Men, Jean Grey é conhecida por sua jornada transformadora. Ao se tornar Fênix Negra não é apenas uma mudança física, mas um processo que simboliza o despertar e a ampliação de suas capacidades, bem como um aprofundamento da compreensão de sua própria identidade. A entidade Fênix, com seu imenso poder, e sua natureza instável, representa a luta interna que muitos enfrentam ao tentar reconciliar sua verdadeira identidade com as expectativas externas da sociedade.

Uma metáfora para as experiências LGBTQIA+, onde o reconhecimento e a aceitação de uma identidade frequentemente desafiam as normas sociais, culturais e os papéis de gênero tradicionais. A jornada de Jean para aceitar e dominar a Fênix é, em muitos aspectos, um reflexo da luta pela autoaceitação e pela afirmação da identidade que muitas pessoas LGBTQIA+ vivenciam.

A forma como a sociedade e seus aliados reagem à Fênix Negra, e a Jean Grey, oferece um espelho para a marginalização enfrentada por indivíduos LGBTQIA+. A habilidade de Jean de se transformar em um ser com poderes além do imaginado é visto com medo e desconfiança por muitos ao seu redor. Esse medo não é apenas sobre a natureza de seus poderes, kháris, mas também sobre a ameaça que a mudança representa às normas estabelecidas. Da mesma forma, as pessoas LGBTQIA+ frequentemente enfrentam resistências e hostilidades quando suas identidades desafiam as normas sociais dominantes.

A Fênix Negra ilustra como a aceitação de uma identidade, seja a de um mutante com habilidades extraordinárias ou a de uma pessoa LGBTQIA+ afirmando a sua verdadeira natureza, é frequentemente acompanhada por resistência e incompreensão. A marginalização que Jean Grey experimenta ao longo da história reflete os desafios enfrentados por muitos que buscam a aceitação em uma sociedade que reluta para reconhecer e valorizar diversidades.

Na Edição #134 (2023), Jean Grey aceita plenamente sua identidade como Fênix Negra, simbolizando o empoderamento pessoal diante da resistência social. A cena reflete a luta por aceitação de grupos marginalizados, que, assim como Jean,

enfrentam dificuldades para serem valorizados em uma sociedade que reluta em acolher a diversidade.

Figura 7 – Interior da Os fabulosos X-Men: Tarde Demais, Heróis! n °134



Fonte: CLAREMONT, Chris, 2023

O papel de seus amigos é significativo, alguns personagens dentro de sua equipe tentam entender e apoiar Jean Grey durante sua transformação, oferecendo uma rede de suporte que é crucial para a sua jornada. Esse aspecto da história reflete o papel vital dos aliados na comunidade LGBTQIA+, que ajudam a criar um ambiente inclusivo e acolhedor para quem está em processo de afirmação de sua identidade.

A presença desses aliados destaca a importância de apoio e compreensão, que pode fazer uma diferença significativa na aceitação e na integração social de pessoas LGBTQIA+. O contraste entre o apoio que Jean recebe de alguns e a rejeição de outros espelha essas experiências em pessoas reais, que buscam uma aceitação genuína em suas comunidades.

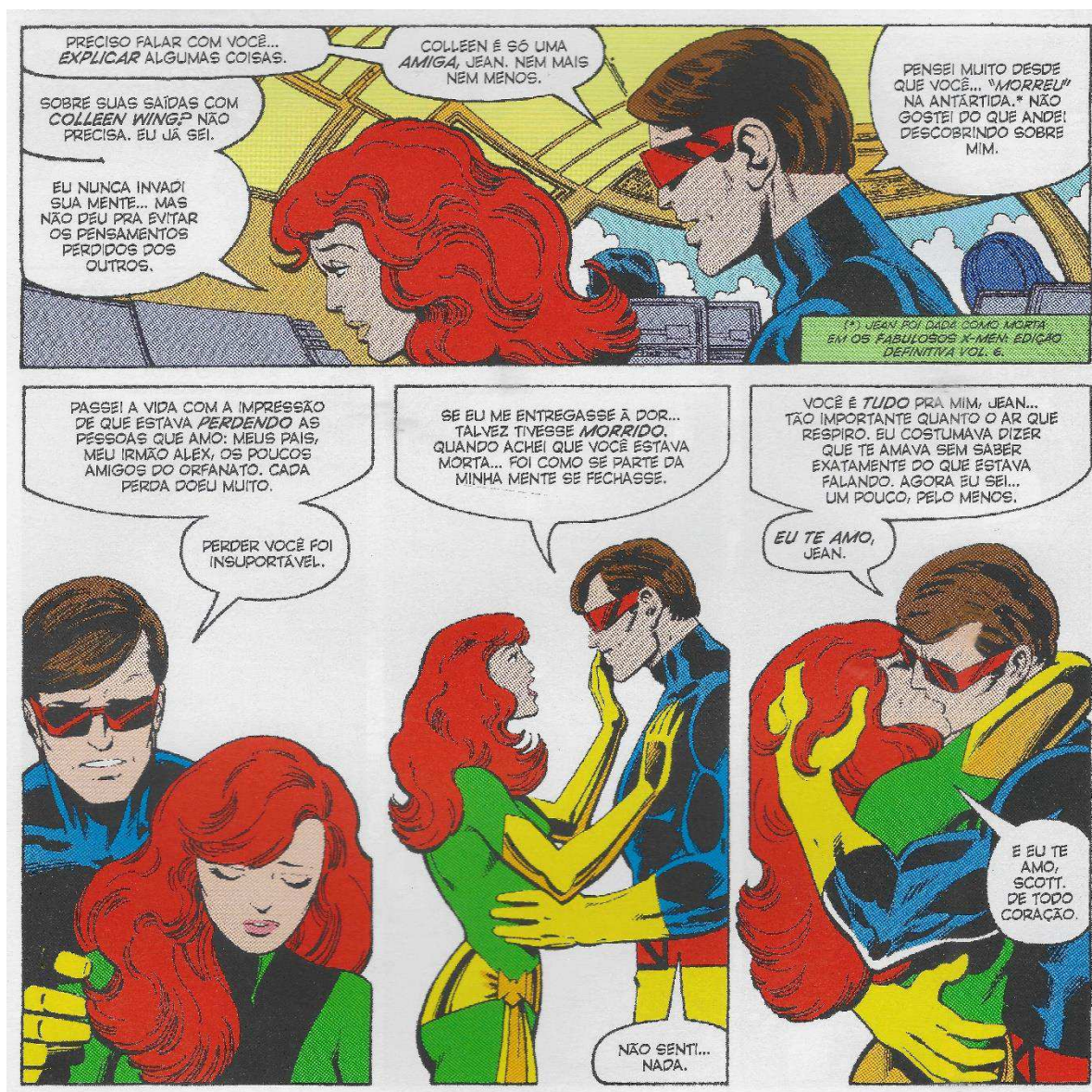
De forma indireta tratando as relações de Jean Grey com Scott Summers (Ciclope), e Logan (Wolverine) pode ser visto através de uma lente de amor não convencional. As dinâmicas de amor e desejo entre os personagens quebram certos padrões do tradicional e podem ser interpretadas como um reflexo de como as relações LGBTQIA+ desafiam as normas convencionais de relacionamentos.

Na edição #129 (2023) de *Fênix Negra*, vemos o início da transformação de Jean Grey na poderosa Fênix. Este momento é crucial, pois marca a evolução de sua identidade e de seus poderes, trazendo consigo uma série de dúvidas e preocupações. Ao longo da história, Jean luta para entender o que significa esse novo poder, enquanto seus colegas dos X-Men reagem de diferentes maneiras.

A imagem destacada mostra o apoio emocional de Scott Summers (Ciclope), que tenta confortar Jean durante sua transformação. Ele reafirma seu amor e compromisso com ela, buscando acalmar suas inseguranças sobre o que a transformação pode significar tanto para ela quanto para o relacionamento deles.

Scott age como um ponto de estabilidade em meio ao caos que Jean enfrenta, mostrando empatia e compreensão, mesmo diante do desconhecido. Esse momento ilustra a importância do apoio e do amor nos processos de transformação pessoal, especialmente quando alguém enfrenta incertezas sobre sua própria identidade e papel no mundo.

Figura 8 – Interior da Os fabulosos X-Men: Deus Poupe o Filho... n °129



Fonte: CLAREMONT, Chris, 2023

Além disso, essa dualidade presente em Jean como Fênix Negra é a sua luta interna entre duas versões de si mesma, uma metáfora para a luta de pessoas queer, que transitam entre identidades impostas pela sociedade e seu verdadeiro eu, tentando conciliar quem são com o que se espera.

A saga da Fênix Negra, quando examinada sobre a lente das questões LGBTQIA+ revela uma metáfora poderosa para a luta pela aceitação e pela autoafirmação. Essa transformação de Jean Grey e as reações de uma sociedade para a mudança, são os desafios enfrentados por muitas pessoas LGBTQIA+ ao buscar reconhecimento e apoio para suas identidades.

A marginalização e os desafios enfrentados são uma sombra das experiências reais de resistência e rejeição enfrentadas por indivíduos LGBTQIA+, ressaltando a importância da empatia, apoio e da inclusão na construção da sociedade mais justa e acolhedora.

Violência de Gênero

Ao falar sobre Gênero, podemos realizar uma conversa com diversas áreas acadêmicas e sociais aplicadas, com o avanço da discussão sobre o tema, os ataques ao conceito de gênero ganham força em discursos de ódio, especialmente em contextos políticos e culturais conservadores. Para compreender essa crítica contemporânea, e historicizar o conceito de gênero, precisamos compreender como esse tema foi desbravado, para isso utilizaremos de Joan Scott, Adriana Piscitelli e Marisa Corrêa.

Embora o conceito de gênero sofra ataques em todo o mundo, ele tem se intensificado em países ocidentais, como os Estados Unidos, Brasil, Polônia, Hungria e países da Europa Ocidental. Esses ataques começaram a ganhar maior visibilidade a partir do início dos anos 2010, com o crescimento dos movimentos conservadores, nacionalistas e religiosos.

Um dos motivos que catalisou a polarização foi a ascensão de lideranças políticas de extrema direita como Donald Trump (EUA) e Jair Bolsonaro (Brasil), cujas plataformas incluíram a rejeição para as teorias de gênero e a teoria queer. O foco principal dessas críticas é a noção de que esse tema, particularmente em torno da fluidez de gênero e dos direitos de pessoas trans, representam uma ameaça à “ordem natural da sociedade” e dos “valores tradicionais”, especialmente os relacionados à família, religião e biologia.

Esses ataques por sua vez se concentram na alegação de que o conceito de gênero é uma construção ideológica que ameaça a biologia e a diferenciação “natural” entre os sexos. A defesa dos direitos de pessoas LGBTQIA+ e a educação de gênero nas escolas são formas de “doutrinação” que ameaçam as crianças e os valores da

família tradicional. Que as Políticas de gênero são uma imposição de elites globais e organismos internacionais (como a ONU e a UE), vistas como “colonialismo cultural”.

Podemos ter como exemplo de ataque aos gêneros o termo “Ideologia de Gênero”, termo utilizado amplamente por críticos para desqualificar o trabalho de teóricos e ativistas que defendem a distinção entre sexo (biológico) e gênero (social e cultural). O conceito foi popularizado por setores religiosos, especialmente pelo Vaticano, a partir dos anos 1990.

Já nos Estados Unidos, alguns estados introduziram leis para restringir o acesso de pessoas trans a banheiro ou competições esportivas alinhadas com sua identidade de gênero. No Brasil, a “ideologia de gênero” foi um dos pilares discursivos nas eleições de 2018, em que Jair Bolsonaro fez campanha, e algumas regiões tentaram proibir materiais didáticos que discutem a diversidade sexual e de gênero nas escolas, além da disseminação de notícias falsas para a população em relação a esse material.

Historicizando o conceito de gênero com Joan Scott

Joan Scott em seu texto *“Gênero: uma categoria útil para a análise histórica”* argumenta que o conceito de gênero não pode ser entendido como uma variável independente, mas como um modo de estruturar relações de poder, ela propõe que gênero é uma categoria que organiza a percepção social e cultural de diferença sexual, sendo um elemento que participa da construção de identidades, representações e significados.

Ao destacar que gênero não se refere apenas às diferenças biológicas entre homens e mulheres, mas ao modo como essas diferenças são construídas socialmente e culturalmente. Ao propor gênero como uma categoria de análise, temos três fatores. A ideia de gênero não pode ser compreendida isoladamente, mas em relação a outros conceitos como classe, raça e sexualidade. Gênero é um mecanismo de poder que define e reforça hierarquias, especialmente nas sociedades patriarcais. As representações da cultura da masculinidade e feminilidade moldam as normas sociais e políticas que governam o corpo e o comportamento das pessoas.

Ao utilizarmos o gênero para análise de eventos históricos, é possível compreender como as normas de masculinidade e feminilidade moldaram não apenas a vida privada, mas também a vida pública e as estruturas políticas que cercam a sociedade. A crítica contemporânea ao conceito de gênero, particularmente em seus ataques ideológicos, ignora essas nuances históricas tratando o gênero como uma variável fixa, estática e biológica.

Aos ataques contemporâneos ao conceito de gênero se reflete, uma tentativa de reforçar estruturas tradicionais e hierárquicas de poder, uma questão que Joan Scott, identifica como central no entendimento das relações de gênero. O discurso conservador da “ideologia de gênero” e da biológica essencialista ignora o caráter construído e relacionado do gênero, retornando a uma visão dicotômica e naturalista que Scott busca problematizar em sua análise histórica.

A rejeição atual do conceito de gênero, como uma construção social, representa uma reação ao progresso e conquistas dos direitos das mulheres e da população LGBTQIA+, tentando reverter décadas de avanços teóricos e políticos. Rejeição essa articulada em torno de um discurso de “proteção da família” e do retorno de “valores tradicionais”, que são em si, construções históricas mobilizadas para reforçar normas de poder específicas.

Essa análise de Joan Scott nos permite compreender que o conceito de gênero é fundamental para a compreensão das dinâmicas de poder nas sociedades humanas. Alegações que sustentam os ataques contemporâneos às teorias de gênero são, em sua essência, tentativas de manter uma ordem hierárquica de poder que beneficiam certos grupos em detrimento de outros. Ao historicizar o conceito, Joan Scott, nos oferece meios de dismantelar as alegações conservadoras e reafirmar a importância de uma análise crítica do gênero nas esferas políticas, sociais e culturais.

Em *“Gênero? uma categoria útil para a análise histórica”*, de Joan Scott, o gênero é visto como uma construção social que organiza as relações de poder e hierarquias. A história de Jean Grey e sua transformação na Fênix Negra pode ser analisada a partir da ideia de que ela enfrenta e transcende as limitações impostas a ela como uma mulher, especialmente no contexto dos super-heróis, onde personagens femininas muitas vezes são controladas ou subordinadas aos atos de companheiro ou vilões homens.

Jean Grey começa como uma personagem com poderes “controlados” e limitados, exercendo um papel de relativa subordinação dentro da equipe X-Men, uma metáfora para as restrições impostas às mulheres em sociedades patriarcais. Todavia, ao se tornar a Fênix Negra, Jean atinge um novo patamar de poder, o que pode ser visto como uma ruptura com essas normas restritivas de gênero. A Fênix Negra representa uma força de criação e destruição que escapa aos limites do racionalismo imposto sobre a feminilidade, mostrando uma identidade em constante mutação similar ao conceito de gênero como performance proposto por Judith Butler.

Feminismo e gênero: uma transição conceitual no Brasil

Organizando a discussão sobre a histórica do conceito de gênero no Brasil, utilizando Mariza Corrêa em seu texto “Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal”. É importante destacar que o percurso dos estudos feministas no Brasil e sua transição para o estudo de gênero. Mariza Corrêa oferece uma perspectiva histórica e pessoal sobre o desenvolvimento dessa área acadêmica no país, ao contribuir com a compreensão de como os conceitos de feminismo e gênero se consolidam ao longo do tempo no Brasil.

Ao narrar a transformação dos estudos feministas no Brasil, que inicialmente ficavam nas desigualdades entre homens e mulheres, para o campo mais amplo dos estudos de gênero, que passaram a questionar as próprias categorias de “homem” e “mulher”. A transição reflete um movimento global, mas com especificidades locais, que por sua vez é influenciada por diversos fatores históricos, sociais e acadêmicos no Brasil.

Os estudos feministas no Brasil ganharam força por volta das décadas de 1970 e 1980, em um contexto de luta por direitos das mulheres e de uma redemocratização do país após a ditadura militar (1964-1985). Durante esse período o feminismo brasileiro focou principalmente nas questões de igualdade salarial, licença maternidade condições de trabalho dignas, reivindicação pelo direito ao aborto seguro e políticas públicas de saúde reprodutivas, combate a violência

doméstica e ao feminicídio, que culminou em legislações importantes como a Lei Maria da Penha (2006).

O feminismo era visto como uma ferramenta para pensar a diferença sexual em relação a termos de desigualdade entre homens e mulheres. A noção de gênero ainda não estava plenamente incorporada, e a discussão girava principalmente em torno do sexismo e das opressões patriarcais.

Em 1990, influenciado por correntes internacionais, os estudos feministas no Brasil começaram a se ampliar e a incorporar o conceito de gênero. Mariza Corrêa descreve como a academia brasileira começou a adotar uma abordagem que não se limita mais apenas às opressões entre homem e mulher, mas que buscava questionar a própria construção social e cultural dos papéis de gênero. Que acabou criando por sua vez o campo de estudos de gênero.

Campo esse que desnaturalizar as diferenças entre os sexos, mostrando como elas são construções sociais e não verdades biológicas imutáveis. levando em consideração não apenas o gênero, mas também raça, classe social e sexualidade como fatores interrelacionados na produção de desigualdades. incluindo questões relacionadas à identidade de gênero, pessoas trans, e a multiplicidade de expressões de gênero.

Mariza Corrêa menciona que esse processo foi particularmente importante no Brasil, onde as desigualdades de gênero se entrelaçam profundamente com as desigualdades de raça e classe social. A academia brasileira foi então se alinhando com os debates internacionais, mas sempre com um olhar atento às realidades locais e à especificidade das opressões vividas no contexto brasileiro.

Ressaltando a importância da academia na difusão dos estudos feministas e de gênero no Brasil. Nos anos 1980 e 1990, diversas universidades começaram a abrir programas e disciplinas voltadas para o estudo do feminismo, da mulher e, posteriormente, do gênero. Essa institucionalização permitiu que os estudos sobre gênero se consolidaram como uma área de pesquisa relevante e interdisciplinar, envolvendo não apenas a sociologia, mas também a antropologia, história e literatura, e outros campos das ciências humanas.

Destacando que a importância de figuras-chave do feminismo acadêmico no Brasil, como Heleieth Saffioti, Lélia Gonzalez e Joan Scott (cuja obra influenciou o campo no Brasil), e como essas intelectuais contribuíram para o desenvolvimento de uma análise mais sofisticada das relações de gênero no contexto brasileiro. Essa institucionalização dos estudos de gênero também foi acompanhada por uma maior aproximação entre a academia e os movimentos sociais, o que ajudou a fortalecer as pautas feministas e de gênero nas políticas públicas. A criação de leis como a Maria da Penha, por exemplo, foi resultado de uma articulação entre pesquisas acadêmicas e ativismo feminista.

Mariza Corrêa, reflete sobre os desafios contemporâneos enfrentados pelos estudos de gênero no Brasil. Assim como ocorre em outros países, o conceito de gênero passou a ser alvo de críticas por parte de grupos conservadores e religiosos. No Brasil, o termo “ideologia de gênero” foi amplamente usado nas campanhas políticas, particularmente durante as eleições de Jair Bolsonaro em 2018, para desacreditar as discussões acadêmicas e políticas sobre a diversidade de gênero e sexualidade.

Corrêa reconhece que essa resistência ao conceito, representa um retrocesso na luta por igualdade e direitos no Brasil, mas também é um sinal de que os estudos de gênero se tornaram centrais nas disputas políticas contemporâneas. A resistência a esses estudos está diretamente ligada à sua capacidade de desnaturalizar hierarquias sociais e propor alternativas ao sistema patriarcal racista e heteronormativo.

Mariza Corrêa oferece uma visão fundamental para compreender como o conceito de gênero evoluiu no Brasil, passando de um foco inicial dos direitos das mulheres e nas desigualdades sexuais, para uma discussão mais ampla sobre como as construções sociais de gênero e suas interseções com outras formas de opressão afetam a nossa sociedade.

A autora demonstra que, apesar dos avanços, os estudos de gênero continuam sendo alvos de ataques, mas sua relevância crítica no cenário político e acadêmico brasileiro permanece inquestionável. Desafiando as normas patriarcais e promovendo uma sociedade mais inclusiva e igualitária, mesmo diante dos desafios contemporâneos.

Em *“Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil”*, Mariza Corrêa discute como as lutas feministas se preocupam com o controle sobre o corpo das mulheres, especialmente em questões como direitos reprodutivos e a violência de gênero. Para Jean Grey a Fênix Negra, o controle sobre o seu corpo e poderes é um tema central.

A transformação de Jean em Fênix também pode ser lida como uma alegoria ao controle sobre o corpo feminino e a sexualidade. Durante a evolução de sua história Jean é constantemente monitorada e suas ações são vistas como perigosas, o que pode ser interpretado como um reflexo do controle social sobre os corpos das mulheres.

A destrutividade da Fênix Negra também reflete o medo histórico da sexualidade feminina como uma força perigosa e descontrolada, taxada de histeria. A forma como Jean é retratada como incontrolável após atingir seu pleno potencial como Fênix Negra pode ser comparada ao medo da liberdade sexual ou da autonomia das mulheres, que tradicionalmente são vistas como perigosas quando rompem com os padrões aceitas de comportamento.

Mulher e gênero: uma reavaliação crítica das categorias

Em *“Re-criando a (categoria) mulher?”*, Adriana Piscitelli, oferece uma reflexão sobre a fluidez e a construção social dessas categorias, propondo uma reavaliação dos conceitos. Sua análise se concentra nas questões sobre identidade, diferenças e os desafios de se pensar mulher como uma categoria fixa.

Ao desafiar a ideia de que a categoria mulher pode ser tomada como universal e estável, Adriana Piscitelli destaca que historicamente, essa noção tem sido utilizada de maneira excludente. Apontando que o feminismo, ao se focar nas experiências das mulheres, muitas vezes negligenciou as diferenças internas a essas categorias, especialmente em termos raça, classe, sexualidade e nacionalidade.

Piscitelli argumenta uma reconstrução crítica dessa categoria, em consonância com os avanços teóricos dos estudos de gênero, influenciados, entre

outros, pela teoria queer¹ de Richard Miskolci e pelos estudos pós-coloniais. Ao argumentar que o uso da categoria mulher no feminismo tradicional partia de uma visão universalista, que considerava a experiência de ser mulher como essencialmente homogênea. No entanto, essa abordagem tende a refletir principalmente as experiências das mulheres brancas, heterossexuais e de classe média dos países ocidentais, ignorando outras formas de opressão e marginalização.

A crítica ecoa os argumentos de teorias feministas negras, como Bell Hooks e Lélia Gonzalez, que denunciam a exclusão das experiências das mulheres negras e de outros grupos marginalizados das pautas e teorias feministas dominantes. Para Piscitelli, ao reconstruir a categoria mulher, é necessário levar em consideração as diferenças e a multiplicidade de experiências, em vez de buscar uma definição única e estável do que significa ser mulher. Ao enfatizar a influência dos estudos de gênero e da teoria queer, na desconstrução da categoria “mulher”. Essas abordagens teóricas questionam a ideia de que o gênero é uma característica essencial e fixa, propondo, em vez disso, que gênero é uma construção social e fluida, que varia de acordo com o contexto histórico e cultural.

A teoria queer, em particular, desafia as categorias binárias do gênero (homem/mulher) e a heteronormatividade, sugerindo que as identidades de gênero são performativas e não inerentes ao indivíduo. Essa perspectiva convida a pensar em mulheres trans e outras identidades não-binárias, mostrando como a noção de mulher pode ser insuficiente para capturar toda a diversidade de experiências de gênero. Ao se inserir em um movimento de reavaliação das categorias de gênero em particular de mulher, Adriana Piscitelli, gera uma crítica e uma resposta à percepção de que as categorias utilizadas nos estudos feministas e de gênero precisam ser constantemente questionadas e ajustadas para se tornarem mais inclusivas e sensíveis às diferenças internas.

O conceito de interseccionalidade, proposto originalmente pela feminista negra Kimberlé Crenshaw, que sugere que as identidades são constituídas pela

¹ A teoria queer é uma abordagem crítica que questiona as normas sociais e culturais relacionadas ao gênero e à sexualidade. Originada nos anos 1990, ela se desenvolveu a partir de estudos de gênero, feministas e LGBTQ+, buscando desafiar e desconstruir as definições binárias de gênero (masculino/feminino) e a heteronormatividade — a ideia de que a heterossexualidade é a norma. Ao invés de entender o gênero e a sexualidade como identidades fixas e biologicamente determinadas, a teoria queer propõe que esses aspectos são construções sociais e performativas, fluindo conforme contextos históricos, culturais e pessoais.

intersecção de diferentes formas de opressão, como gênero, raça, classe e sexualidade. Ao pensar que a categoria mulher a partir de uma perspectiva interseccional, destaca a necessidade de levar em consideração as diversas experiências de opressão e privilégio que moldam as vidas das mulheres de maneira diferente.

Temos como exemplo as experiências de uma mulher branca e de classe média no Brasil, são muito diferentes das de uma mulher negra e pobre, ou de uma mulher indígena. Reconhecendo essas diversidades para evitar a reprodução de hierarquias dentro dos próprios movimentos feministas e estudos de gênero.

Partindo da leitura de Judith Butler, Piscitelli adota ideias de que o gênero não é uma identidade fixa, mas uma performance que é continuamente produzida e reproduzida através de atos e práticas cotidianas, Butler argumenta que as normas de gênero são impostas pela sociedade, mas são também negociadas e subvertidas por indivíduos, que o permite repensar as categorias de gênero como abertas e mutáveis.

Para Piscitelli, essa visão performativa do gênero ajuda a compreender como a categoria da mulher pode ser reconfigurada de maneira mais inclusiva e flexível, incorporando as diferentes formas de vivenciar o gênero que não se encaixam nas normas tradicionais.

Ao refletir sobre as implicações políticas dessa reavaliação crítica da categoria mulher, desconstrói a noção de uma mulher universal, o feminismo e os estudos de gênero podem se tornar mais inclusivos e responsivos às diferentes formas de opressão que afetam as mulheres de maneira desigual. Sugerindo que o feminismo precisa continuar se reinventando para lidar com as realidades diversas e complexas das mulheres no Brasil e no mundo.

Destacando a importância de pensar a história do conceito de gênero a partir de uma perspectiva brasileira. Adriana Piscitelli reconhece que embora muitos debates teóricos sobre gênero e sexualidade tenham vindo de contextos internacionais, é fundamental adaptar as especificidades do contexto social e cultural do brasileiro. No Brasil, as relações de gênero estão profundamente entrelaçadas com as desigualdades de raça, classe e região, o que torna esse debate sobre gênero especialmente desafiador e dinâmico.

Oferecendo uma reflexão sobre a necessidade de desconstruir e recriar a categoria mulher nos estudos feministas e de gênero. Piscitelli defende que essa categoria deve ser repensada de maneira crítica e inclusiva, levando em consideração a pluralidade de experiências e a fluidez das identidades de gênero.

Ao questionar as noções fixas e universal de mulher, a autora nos convida a ampliar o conhecimento sobre os estudos de gênero, tornando mais representativo das diversas realidades que compõem as vivências de gênero no Brasil e no mundo. Abrindo caminho para novos entendimentos de gênero e oferecendo uma base teórica para resistir aos ataques conservadores que buscam reafirma uma visão biologicamente essencialista e estética dos gêneros

Contrastes entre o Feminismo Liberal e a Luta Interseccional

A amizade entre Jean Grey e Tempestade (Ororo Munroe) nos quadrinhos dos X-Men oferece a oportunidade para explorar questões de racismo e opressão. Ambas são poderosas mutantes, mas suas experiências de vida são radicalmente diferentes, refletindo as diversas formas de opressão enfrentadas por mulheres de diferentes raças.

Jean Grey, como uma mulher branca, ocupa um espaço de privilégio no universo dos X-Men, apesar de ser uma mutante. Embora enfrente preconceito por sua mutação, sua cor de pele lhe oferece certa proteção contra o racismo que Tempestade enfrenta. O fato de Jean ser frequentemente vista como a garota modelo entre os X-Men por representar beleza, poder e ser protagonista de arcos narrativos importantes, reflete como o racismo estrutural pode privilegiar personagens brancas, mesmo em uma equipe cuja premissa é a inclusão.

Por outro lado, Tempestade é uma mulher negra e africana que traz consigo uma bagagem histórica de opressão não apenas por ser mutante, mas também por sua raça e origem. Ela é uma das poucas super-heroínas negras com uma posição de destaque em quadrinhos de grande circulação, e sua presença na equipe dos X-Men é significativa. O racismo que ela enfrenta nos quadrinhos e fora deles, como

ícone cultural frequentemente não é limitado à sua condição de mutante, mas também à cor de sua pele.

A amizade entre Jean e Tempestade pode ser interpretada como um microcosmo de como diferentes formas de opressão se cruzam e se manifestam em relações pessoais. Enquanto Jean lida com os desafios de ser uma mulher mutante e os traumas de seu poder (especialmente relacionados à Fênix), Tempestade enfrenta uma série de desafios adicionais por ser uma mulher negra. Em algumas histórias, a liderança de Tempestade é questionada de forma mais contundente do que a de Jean Grey, o que pode ser lido como uma crítica à forma como a sociedade e, muitas vezes, os próprios personagens desconsideram o valor e a autoridade das mulheres negras.

A amizade entre Jean Grey e Tempestade possibilita uma solidariedade interseccional, permitindo que Jean reconheça seus privilégios raciais e o racismo que Tempestade enfrenta. Embora essa conexão seja frequentemente mostrada como genuína e afetuosa, raramente é abordada de forma crítica em relação às questões raciais.

Em um nível simbólico, Jean e Tempestade representam mulheres que desafiam o status quo de diferentes maneiras: uma como mutante e a outra como mutante e negra. Jean, com seus poderes telecinéticos e telepáticos, reflete controle mental e emocional, enquanto Tempestade, com sua capacidade de manipular o clima, personifica a força da natureza, uma metáfora para a resistência das pessoas negras à opressão. As experiências que compartilham e as que as separam criam um espaço para explorar questões de raça, poder e amizade de forma profunda.

A relação de Jean Grey e Tempestade, marcada por confiança e respeito, serve como uma metáfora para o diálogo necessário entre diferentes experiências de opressão, reconhecendo as semelhanças e divergências entre ser oprimida como mulher e como mulher negra em um mundo de racismo e preconceito.

Com o conceito de Feminismo Interseccional de Kimberlé Crenshaw em "*On Intersectionality: Essential Writings*", ao propor que várias formas de opressão, como racismo, sexismo e classismo, se sobrepõem e interconectam, afetando as pessoas de maneiras diferentes dependendo de sua posição social. Tempestade, como mulher negra e mutante, enfrenta racismo, sexismo e marginalização, sendo vista como 'outra' tanto por sua mutação quanto por sua cor de pele.

Segundo a teoria feminista interseccional, as opressões que Tempestade enfrenta não podem ser vistas isoladamente. A combinação de ser mulher negra e mutante resulta em uma experiência única de marginalização, frequentemente ignorada nas narrativas, inclusive nas interações com Jean Grey. Tempestade enfrenta não apenas o preconceito por ser mutante, uma analogia ao racismo, mas também discriminações adicionais por ser mulher negra, algo que personagens brancas, como Jean, não enfrentam.

Jean Grey pode ser vista dentro do feminismo liberal, que se foca na igualdade de direitos e oportunidades para as mulheres, especialmente no acesso à educação, trabalho e poder político. Ela é retratada como uma mulher forte e autônoma que, apesar da opressão por ser mutante, alcança posições de poder nos X-Men. Seu arco frequentemente explora questões de autocontrole e poder pessoal, especialmente em relação à sua transformação na Fênix, refletindo a ênfase do feminismo liberal no individualismo e na liberdade.

No entanto, o feminismo liberal de Jean Grey, focado na igualdade formal e na luta por espaço em um grupo dominado por homens, pode ser criticado por ignorar as experiências de mulheres com múltiplas camadas de opressão, como Tempestade. Embora Jean se veja como uma figura oprimida, o feminismo interseccional revela que sua experiência é diferente da de Tempestade, que enfrenta tanto o patriarcado quanto o racismo.

O feminismo liberal de Jean Grey, enfatiza a igualdade formal em um grupo dominado por homens, é criticado por ignorar as experiências de mulheres com múltiplas camadas de opressão, como Tempestade. Embora Jean se veja como uma figura oprimida, o feminismo interseccional revela que sua experiência de opressão é diferente da de Tempestade, que enfrenta tanto o patriarcado quanto o racismo.

O feminismo liberal de Jean Grey pode ser associado a Betty Friedan, autora de *A Mística Feminina* (1963). Friedan e outras feministas liberais lutavam pela igualdade de gênero dentro das estruturas sociais existentes, buscando melhorar as condições das mulheres no trabalho, na educação e na esfera privada, sem necessariamente transformar radicalmente o sistema social e econômico.

Jean Grey, como uma personagem poderosa e independente nos X-Men, reflete os princípios do feminismo liberal defendido por Friedan. Ela busca e alcança

espaços de liderança, competindo em igualdade com os homens. A luta de Jean, assim como a de outras personagens femininas do feminismo liberal, está centrada em ter voz e poder em um mundo que historicamente nega esses espaços às mulheres.

Betty Friedan defendia que as mulheres deveriam ter as mesmas oportunidades que os homens no trabalho e no espaço público, criticando as restrições impostas às mulheres no lar. Jean, como uma das personagens femininas mais visíveis dos X-Men, encarna esses ideais ao superar expectativas de gênero e alcançar um papel de destaque entre seus colegas masculinos.

No entanto, assim como as críticas ao feminismo liberal, Jean Grey não questiona as estruturas de poder, mas busca seu lugar nelas. Essa limitação é destacada por teóricas como Angela Davis, que apontam que o feminismo liberal pode falhar em reconhecer as necessidades e opressões específicas de mulheres racializadas e de classes mais baixas.

Friedan e outras feministas liberais, como Gloria Steinem, foram criticadas por ignorar as experiências de mulheres negras, indígenas e pobres, focando em questões que afetavam principalmente mulheres brancas de classe média. Da mesma forma, a trajetória de Jean Grey pode ser vista como uma luta por igualdade que se concentra em superar desafios de gênero e ser uma mutante, sem necessariamente abordar as questões de opressão racial e de classe que outras personagens, como Tempestade, enfrentam.

O feminismo liberal de Jean Grey pode ser comparado aos escritos de Betty Friedan, refletindo a busca por igualdade de gênero dentro de sistemas existentes, sem desafiar profundamente as estruturas de poder que marginalizam mulheres racializadas e de classes mais baixas. O desafio para Jean e o feminismo liberal é reconhecer que a luta por igualdade deve incluir a interseção de outras formas de opressão, como as vividas por Tempestade, ressaltando a necessidade de uma análise interseccional, como defendido por teóricas como Angela Davis.

As diferenças entre Jean Grey e Tempestade ilustram uma crítica central do feminismo interseccional ao feminismo tradicional: a tendência de universalizar as experiências femininas. O feminismo liberal, historicamente dominado por mulheres brancas, frequentemente ignora como raça e classe influenciam essas experiências.

Nos quadrinhos, enquanto Jean luta por igualdade dentro dos X-Men, não enfrenta o racismo e as expectativas culturais que Tempestade carrega.

A amizade entre as personagens pode ser vista como um espaço onde emergem as diferenças nas experiências de mulheres de diferentes raças. As tensões não explícitas na narrativa dos quadrinhos refletem como o feminismo branco frequentemente ignora as necessidades das mulheres racializadas. Enquanto Jean é admirada e sua liderança raramente contestada, Tempestade precisa superar não apenas desafios de gênero, mas também de raça, em um mundo que a vê como diferente.

A amizade entre Jean e Tempestade oferece uma oportunidade para refletir sobre a solidariedade feminista, reconhecendo as diferenças. Teóricas feministas como Bell Hooks autora de *“Teoria feminista: das margens ao centro”* afirmam em que a solidariedade não deve se basear na suposição de que todas as mulheres compartilham as mesmas experiências de opressão, mas em uma compreensão coletiva das diferentes formas como a opressão as afeta.

Se analisarmos a amizade das personagens sob essa perspectiva, podemos imaginar uma aliança baseada no apoio mútuo e na compreensão das diferentes formas de sexismo e racismo que afetam suas vidas. Jean, com seu privilégio racial, poderia reconhecer como a branquitude molda sua experiência de opressão de maneira diferente da de Tempestade. Por sua vez, Tempestade poderia fortalecer sua posição de líder e amiga com uma parceira que compreende as complexidades de seu lugar no mundo.

Essa análise feminista das personagens mostra que, embora Jean e Tempestade compartilhem um vínculo profundo, suas experiências de opressão são qualitativamente diferentes, ressaltando a necessidade de um feminismo que reconheça as múltiplas formas de opressão que diferentes mulheres enfrentam

Angela Davis, teórica feminista e ativista, explora as conexões entre racismo, sexismo e exploração econômica, em *Mulheres, Raça e Classe* (1981). Ela argumenta que as mulheres negras enfrentam uma forma única de opressão que abrange raça, classe e gênero. Essa abordagem nos ajuda a compreender as diferenças entre Jean Grey e Tempestade, considerando o contexto histórico e social em que cada uma vive.

Tempestade encarna a tríplice opressão descrita por Angela Davis: é marginalizada por ser mulher, negra e mutante. Assim como mulheres negras no mundo real enfrentam múltiplas formas de exploração, Tempestade lida com complexidades de opressão nos X-Men. Embora sua condição de mutante seja uma fonte principal de discriminação, ela também enfrenta desafios relacionados à sua origem africana e raça, algo que personagens como Jean não precisam lidar.

Para Davis, racismo e sexismo estão interligados com o capitalismo, e as mulheres negras enfrentam a sobreposição dessas opressões. Essa análise se aplica a Tempestade, que, apesar de ser uma líder forte e independente, enfrenta mais obstáculos para ser reconhecida. Em comparação com Jean Grey, de origem socialmente privilegiada, Tempestade frequentemente precisa provar seu valor mais vezes e com mais intensidade.

Jean Grey pode ser vista, pela perspectiva de Angela Davis, como uma representação do feminismo de classe média, majoritariamente branco, que luta pelos direitos das mulheres, mas não reconhece as experiências de opressão racial e de classe que afetam mulheres como Tempestade. Nos quadrinhos, Jean ocupa posições de poder em parte devido ao fato de ser uma mulher branca, não enfrentando o racismo estrutural que Tempestade precisa superar.

Davis critica o feminismo branco por ignorar a opressão enfrentada por mulheres negras e pobres. Esse feminismo liberal, focado em igualdade de gênero, não aborda sempre as realidades de quem sofre racismo e exploração econômica. Enquanto Jean Grey luta contra o patriarcado e o preconceito por ser mutante, sua luta não se compara à de Tempestade, que enfrenta tanto racismo quanto sexismo. Isso ilustra como o feminismo branco, embora necessário, é incompleto se não reconhecer e combater o racismo e a exploração de classe.

A amizade entre Jean Grey e Tempestade, exemplifica uma solidariedade feminista que transcende a suposição de experiências universais entre mulheres. Davis argumenta que, para uma verdadeira solidariedade, mulheres brancas devem reconhecer as lutas específicas de mulheres negras e pobres, em vez de assumir que suas experiências são as mesmas.

Essa solidariedade exige que Jean compreenda que sua opressão como mulher branca mutante é diferente da experiência de Tempestade como mulher negra

mutante. Embora Jean enfrente sexismo e preconceito por ser mutante, não vivencia o racismo e as implicações sociais de ser uma mulher africana em um mundo predominantemente branco. Reconhecer essa diferença é o primeiro passo para uma verdadeira solidariedade.

Angela Davis celebra a resiliência e a liderança das mulheres negras na luta contra a opressão, algo que se reflete na personagem Tempestade. Apesar de enfrentar múltiplas opressões, Tempestade se destaca como uma das líderes mais respeitadas dos X-Men. No entanto, sua liderança enfrenta desafios, refletindo a desvalorização histórica das mulheres negras em posições de poder, como Davis discute em seus escritos.

A luta de Tempestade por reconhecimento e legitimidade na equipe reflete a experiência de mulheres negras que, historicamente, lideram movimentos sociais, mas enfrentam resistência de homens e mulheres brancas. Sua resiliência manifesta a tradição feminista negra que Angela Davis celebra: a capacidade das mulheres negras de resistir, sobreviver e liderar em meio à opressão.

A amizade entre Jean Grey e Tempestade ilustra a necessidade de um feminismo que reconheça as diferenças de raça, classe e experiência. Embora Jean represente um feminismo poderoso, sem uma crítica adequada, corre o risco de perpetuar as estruturas de poder que marginalizam mulheres como Tempestade.

Para que a amizade entre Jean e Tempestade seja verdadeiramente igualitária, Jean deve reconhecer seu privilégio racial e ouvir as experiências de Tempestade, moldadas por opressões que Jean não enfrenta. Assim, sua amizade poderia simbolizar um feminismo que abranja e celebre todas as mulheres, reconhecendo as diversas formas de opressão que afetam as mais marginalizadas.

Considerações finais

Ao realizarmos uma reflexão mais profunda sobre o potencial das narrativas de super-heróis em tocar temas centrais da contemporaneidade, como as intersecções entre gênero, raça e identidade. Utilizando os X-Men como uma alegoria para grupos marginalizados, não apenas destacamos a complexidade das histórias em quadrinhos, mas também a sua capacidade de engajar os leitores em diálogos sobre preconceito e inclusão, temas que atravessam nossa sociedade de forma estrutural e sistêmica.

Ao analisar a Fênix Negra, e especialmente a figura de Jean Grey, simbolizando a luta por autonomia e poder, especialmente no que diz respeito às mulheres que, dentro e fora dos quadrinhos, enfrentam restrições impostas pelo patriarcado. A transformação de Jean Grey em Fênix, uma figura de poder incontido, pode ser lida como uma metáfora para a emancipação feminina e o desafio às normas tradicionais que limitam a expressão de sua força e identidade. Ao explorar com sensibilidade, como essa narrativa se conecta a uma luta mais ampla de mulheres que procuram afirmar sua autonomia em contextos que buscam domesticá-las ou suprimir sua verdadeira essência.

Inserindo questões de raça e sexualidade dentro da análise, destacamos a interseccionalidade como uma ferramenta chave para compreender como diferentes eixos de opressão de raça, gênero e orientação sexual se entrelaçam, criando camadas adicionais de exclusão e resistência. Os mutantes, enquanto personagens que vivem à margem da sociedade, espelham a vivência de minorias raciais e sexuais, especialmente em um mundo que, em muitos momentos, se esforça para excluir aqueles que não se conformam às normas dominantes. A alegoria dos X-Men, portanto, permite abordar como indivíduos que sofrem múltiplas camadas de opressão precisam lutar não apenas por aceitação, mas também por direitos básicos e reconhecimento.

Chamando atenção para a necessidade de uma abordagem mais abrangente e contextualizada das histórias dos X-Men. Sugerindo a inclusão de uma gama maior de fontes contemporâneas e uma análise mais profunda das interações entre os personagens, compreendemos que as dinâmicas de poder dentro das histórias em

quadrinhos refletem, em muitos aspectos, as estruturas de poder presentes na sociedade real. Analisar as relações entre personagens, não apenas ilumina questões sobre poder, controle e rebeldia, mas também espelha debates sociais sobre autoridade, justiça e resistência a sistemas opressores.

Além disso, ao abordar o potencial pedagógico das histórias em quadrinhos, evidenciamos como essas narrativas podem ser utilizadas como ferramentas educativas poderosas. Os X-Men, ao englobarem personagens com vivências diversas e lidarem com temas de exclusão e aceitação, podem promover o diálogo em salas de aula, inspirando debates sobre como construir uma sociedade mais inclusiva, onde as diferenças sejam celebradas em vez de condenadas. Sugerindo que, ao explorar essas histórias em contextos educacionais, é possível desenvolver um senso crítico nos jovens leitores, incentivando-os a refletir sobre as injustiças que ainda permeiam o mundo e a necessidade de lutar por um futuro mais igualitário.

Assim, não apenas iluminando o valor dos quadrinhos como meio de entretenimento e reflexão, mas também abre caminhos para uma análise mais profunda das narrativas que moldam nossa percepção sobre gênero, raça e identidade. Concluindo que as histórias dos X-Men oferecem uma rica tapeçaria para pensar o presente e o futuro, fornecendo não apenas inspiração, mas também ferramentas para enfrentar os desafios da inclusão e da diversidade em um mundo ainda marcado por divisões e preconceitos. Reafirmando que as histórias em quadrinhos, quando analisadas em toda sua complexidade, podem ser um meio poderoso de transformação social, servindo como espelho das lutas vividas por aqueles que buscam aceitação e dignidade.

REFERÊNCIAS:

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.* Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARVALHO, Marco Aurélio Máximo; RENNES, Paulo. *Escola, gênero e abjeção: desdobramentos a partir da alegoria na animação X-men Evolution.* Revista Diversidade e Educação, v. 8, n. 1, p. 577-593, jan./jun. 2020.

CLAREMONT, Chris; BYRNE, John. *X-Men: A Saga da Fênix Negra.* 1. ed. São Paulo: Panini, 2023.

CORRÊA, Mariza. *Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal.* Cadernos Pagu, n. 26, p. 13-36, 2006.

CRENSHAW, Kimberlé. *On Intersectionality: Essential Writings.* New York: The New Press, 2017.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe.* Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

FRIEDAN, Betty. *A Mística Feminina.* Tradução de Thereza Motta. Rio de Janeiro: Record, 1971.

HOOKS, Bell. *Teoria feminista: da margem ao centro.* Tradução de Reiner Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.

MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: Um aprendizado pelas diferenças.* Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

PISCITELLI, Adriana. *Re-criando a (categoria) mulher?* Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 9-36, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/Z6WZ8VXF8FT6JX6YGPHQWZG/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 5 out. 2024.

SCOTT, Joan Wallach. *Gênero: uma categoria útil para a análise histórica.* Educação & Realidade, v. 16, n. 2, p. 5-22, 1990.

TAYLOR, Charles. *Multiculturalismo.* Tradução de Marta Machado. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

VARGAS, Alexandre Linck. *O corpo do super-herói e a vida mutante.* [s.l.]: [s.n.], 2023. Disponível em: https://www.academia.edu/42967184/O_corpo_do_super_her%C3%B3i_e_a_vida_mutante. Acesso em: 26/09/2024.

WOLF, Susan. *Comentário.* In: **TAYLOR, Charles.** *Multiculturalismo.* Tradução de Marta Machado. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.